

**Gustavo Lorenski**

**EMOÇÕES COMO JUÍZOS EM ROBERT C. SOLOMON**

**Monografia de Licenciatura em Filosofia**

**Orientador:** Prof. Dr. Daniel de Luca Silveira Noronha

Belo Horizonte  
FAJE – Faculdade de Filosofia e Teologia  
2020

**Gustavo Lorenski**

## **EMOÇÕES COMO JUÍZOS EM ROBERT C. SOLOMON**

Monografia apresentada ao curso de Filosofia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Filosofia.

**Área de Concentração:** Ética

**Orientador:** Prof. Dr. Daniel de Luca Silveira Noronha

“Você não pode mudar o vento, mas pode ajustar as velas do seu barco, para chegar aonde  
você quiser”.

CONFÚCIO (551-479 a.C.)

## RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar o conceito de Emoção no livro *Fiéis às nossas Emoções* de Robert C. Solomon. A nossa investigação parte da tentativa de elaborar uma descrição geral do tema, traçando pontos fundamentais e abrangentes que direcionam nosso percurso argumentativo para a compreensão do conceito de emoção sob diferentes enfoques, no qual, a centralidade está contida na perspectiva de uma ética existencialista. Considerando que as emoções fornecem *insight* e conhecimento sobre o mundo, é importante ressaltar de que nelas se encontra uma estrutura de julgamentos avaliativos, dotados de conteúdo conceitual, linguagem e valores morais. A ressignificação das emoções é o pilar diferencial de nossa avaliação, pois determinará que as emoções devem ser analisadas de forma mais abrangente e diferente, sempre levando em conta seus aspectos cognitivos, morais, culturais e linguísticos. A inteligência da emoção é um dos elementos centrais da afirmação sobre que uma emoção possibilita nosso engajamento no mundo, articulando a experiência emocional com nossas experiências no mundo objetivo, mediadas pela linguagem e pela capacidade de racionalização.

**Palavras-chave:** Emoção; Resignificar; Integridade; Inteligência; Juízos; Experiência; Robert C. Solomon.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>6</b>
<b>1 O QUE SÃO EMOÇÕES? .....</b>	<b>8</b>
<b>1.1 Uma abordagem geral .....</b>	<b>8</b>
<b>1.2 Ressignificando as emoções .....</b>	<b>12</b>
<b>2 EMOÇÕES COMO JUÍZOS .....</b>	<b>15</b>
<b>2.1 Emoções e conhecimento: a experiência como tribunal .....</b>	<b>15</b>
<b>2.2 Emoções como julgamentos avaliativos: a integridade emocional .....</b>	<b>17</b>
<b>3 CONCLUSÃO .....</b>	<b>21</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>22</b>

## INTRODUÇÃO

Neste trabalho, analisaremos a teoria da emoção a partir da perspectiva do filósofo norte-americano Robert C. Solomon (1942-2007) na obra *Fiéis às nossas Emoções* (2015).<sup>1</sup>

Solomon foi um professor de filosofia na Universidade do Texas em Austin, onde lecionou por mais de trinta anos<sup>2</sup>. Solomon, professor e filósofo premiado em diversas oportunidades pelos serviços prestados a educação em seu país. Além disso, escreveu e editou mais de quarenta e cinco livros, dentre eles cabe citar: *Paixão pelo saber* (com Kathleen Higgins, 2001), *Espiritualidade para céticos* (2003), *Ética e excelência* (2006), *O prazer da Filosofia: entre razão e paixão* (2011).

Tamanha era a importância de sua produção literária, que seus livros foram traduzidos para mais de dez idiomas pelo mundo. Além de ter contribuído enormemente para a difusão de uma ética existencialista sobre as emoções, Solomon acrescentou muito para o setor empresarial, trazendo diversas soluções e novidades, e promovendo a difusão da filosofia em diversas áreas do conhecimento e do trabalho. Temas como gerenciamento, gestão, autocontrole, integridade, inteligência emocional e ética profissional estão muito presentes em suas diversas obras, aulas e palestras.

No primeiro capítulo atribuímos ao título “Uma abordagem geral” por se tratar de um percurso argumentativo, que envolva pelo menos uma descrição geral do tema que está sendo analisado. Após, iniciando com a pergunta filosófica contemporânea “O que são emoções”, tentaremos explorar a pluralidade de conhecimento que podemos atribuir para descrever o conceito de emoção. Desta forma, acreditamos por facilitar o entendimento do percurso e os objetivos de nossa investigação. No decorrer do primeiro capítulo, em “Ressignificando as emoções”, procuraremos refletir e definir um modo abrangente e diferenciado de análise do tema. Buscando por uma síntese que possa promover a reflexão imediata sobre o que é falar sobre emoções, e que é um tema a ser tratado com curiosidade e engajamento.

No segundo capítulo “Emoções como juízos” se encontra a centralidade de nosso estudo. A partir da compreensão de que as emoções possuem inteligência, e estão conectadas com nossa experiência, fornecendo conhecimento e nos engajando no mundo. Na primeira parte deste capítulo, em “Emoções e conhecimento: a experiência como tribunal” tentaremos traçar um raciocínio entre nossa tese sobre a presença das emoções na experiência (experiência emocional), em articulação com a definição de experiência dotada de conteúdo conceitual.

---

<sup>1</sup> Tradução de Miriam Raja Gabaglia de Pontes Medeiros.

<sup>2</sup> Fonte: Wikipédia, a enciclopédia livre. Acessado em 08 de setembro de 2020.

Finalmente, na última seção de nossa investigação, em “Emoções como julgamentos avaliativos: a integridade emocional” buscaremos desenvolver uma compreensão sobre a ética das emoções, em que nelas, se atribui responsabilidade aos indivíduos e, de que cada um deve estar disposto a ser fiel a elas. O que no final deste percurso, tentaremos não só elucidar mais a pergunta filosófica sobre o que é uma emoção, mas buscar pela ressignificação e valorização deste elemento essencial para nossas vidas. Afinal, o que é uma emoção?

## 1 O QUE SÃO EMOÇÕES?

As perguntas movem pessoas, movem o mundo e é um dos pilares centrais da arte de filosofar. Neste estudo, começamos com uma pergunta filosófica fundamental: O que são emoções?

Antes de iniciar com a pretenciosa intenção, de traçar e definir um itinerário conceitual, normativo e existencial sobre o que é uma emoção, devemos refletir sobre o que queremos para a filosofia, para a ciência e para nós todos, pessoas que buscam pelo conhecimento e em seu mais profundo interior, anseiam por algo novo e transformador. Algo que possa reconstituir nossa própria existência de ver, sentir e viver cada detalhe da vida. Para que isso aconteça, não se trata de desenvolvermos um tratado sobre emoções e suas definições ao longo da história, mas sim, de verificar e experimentar as emoções em um campo do saber genuinamente adequado: o filosófico.

### 1.1 Uma abordagem geral

As emoções conferem sentido à vida humana. Elas influenciam na constituição de nossa personalidade, moldam tudo aquilo que somos e fazemos, nos colocam em movimento no mundo para que possamos expressar as mais variadas complexidades de nossa existência. Falar sobre emoções significa que não falamos apenas na perspectiva de sua atividade neurofisiológica, como muito bem retrata o neurocientista português António Damásio em seu famoso livro “*O Mistério da Consciência*” (2000).<sup>3</sup> Falar sobre emoções é entender os motivos pelos quais elas fazem parte de nosso comportamento. E não apenas na perspectiva científica, mas sim, em uma concepção genuinamente filosófica.

Compreender que as emoções são, da melhor forma possível, responsáveis por atribuir razões para nossa vida. Atribuir razões pelas quais as emoções são importantes para nós, é o primeiro passo para que possamos compreendê-la como um elemento não só constitutivo da essência (natureza) humana, mas como elemento fundamental que possui a capacidade de ressignificar<sup>4</sup> nossas emoções. Perceber que as emoções são inerentes à nós, e de que a melhor forma de as compreender é nos associando a elas, nos tornando parte constitutiva de suas expressões mais variadas e significativas.

---

<sup>3</sup> Cf. DAMÁSIO, António. *O Mistério da Consciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

<sup>4</sup> Resignificar: atribuir novo sentido a alguma coisa. E neste caso, resignificar o conceito e atividade das emoções em nossa compreensão. O que no decorrer deste estudo, tornaremos a análise sobre emoções resignificado, ou seja, sob um novo e diferente ponto de vista – o filosófico.



Falar sobre emoções e sobre o que é emoção é falar a respeito do significado de emoção. E esse significado inclui não só o contexto social, a cultura e os relacionamentos sociais e interpessoais nos quais alguém tem a emoção, exprime-a e encene-a, mas também as teorias e práticas com as quais alguém chega a entender o que está sentindo e fazendo (SOLOMON, 2011, p. 81).

Sobre as emoções, um termo que devemos compreender é o da “psicologia do senso comum”.<sup>5</sup> É ela que nos orienta para a compreensão de nossas emoções.<sup>6</sup> Um destaque de nosso estudo se apoia nesta tese, devido a sua capacidade de abrir as possibilidades de pesquisa, observação e experimentação. Não falamos aqui em linguagem estritamente científica (neurofisiológica), mas sim, falamos que existe a possibilidade de um diálogo aberto e prestativo entre diversas áreas afins, para que uma teoria da emoção possa compreender todos os seus níveis e complexidades. Talvez, estamos tão acostumados com as definições corriqueiras que damos para nossas próprias, ou para as emoções dos outros, que acabamos por desconsiderar o caráter abrangente da psicologia do senso comum. Muitas vezes, não nos damos conta do que está sendo avaliado e experimentado, de que a emoção constitui conhecimento sobre a própria experiência que estamos tendo naquele momento. De que a emoção está não só conectada com nossa capacidade reflexiva, mas que faz parte constitutiva de seu funcionamento.

Não podemos perder o ponto de vista filosófico das emoções. Devemos entender que para compreendê-las, é preciso levar em conta que não existe uma via única de explicação. A tentativa de conceituar o que é uma emoção é paradoxal, e além disso, qualquer definição que exista sobre emoções, é paradigmática. Se trata de um novo termo, instável e repleto de vicissitudes, nos surpreende a todo momento, as suas variações causam enormes incoerências, que foram confirmadas ao longo da história. As emoções perseguem as pretensões de pesquisadores, que tendem a reduzir suas pesquisas a modelos fechados de estudo e compreensão sobre determinado assunto. “[...] é especialmente importante para a minha argumentação aqui a ideia de que, em filosofia, a definição de um termo controvertido vem no fim da discussão, não no começo [...]” (Idem, 2015, p. 23). Como filósofos, devemos insistir na abertura, e não no fechamento de teses e opiniões. A discussão que queremos promover aqui deve ser saudável, e é legítima porque é orientada no sentido de sempre estar disposta a novas possibilidades de diálogo e novas verificações.

A partir de agora, para ser mais claro e objetivo, “[...] gostaria de iniciar com a opinião – hesitante e irônica que possa ser – de que nós não sabemos o que é uma emoção e que é

---

<sup>5</sup> Cf. SOLOMON, Robert C. *Fiéis às nossas emoções: O que elas realmente nos dizem*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015, p. 196.

<sup>6</sup> Cf. SOLOMON, Robert C. 2015, p. 198.

realmente um assunto a ser explorado com curiosidade e expectativa [...]” (Idem, loc. p. 24). Nietzsche (1844-1900), revela que somos muito mais ignorantes sobre as coisas que parecem estar mais próximas de nós, do que aquelas que parecem estar mais distantes.<sup>7</sup> Isso acontece, porque na maioria das vezes, imaginamos que por ser uma coisa “óbvia”, e de que não há necessidade de mais verificações, exploração e compreensão de modo mais amplo e em profundidade, acabamos por reduzir a compreensão daquilo que as coisas realmente são.

As emoções governam nosso comportamento e são elementos primários para o pensamento e ação, atitude e posicionamento em relação ao mundo. Este aspecto é muito importante, porque direciona a intencionalidade das emoções em nossas experiências na vida. Sabemos, geralmente, através de expressões corporais e linguísticas, quando alguém está sendo orientado por uma emoção, especialmente se tratando da raiva, a tristeza e o ciúme. E ainda, de modo mais simples e sutil, qualquer alternância de uma situação espacial para outra, nossos estados emocionais podem ser afetados e modificados. Dependendo das condições determinadas, tais espaços podem suavizar ou potencializar nossas reações emocionais. O lugar aqui, o contexto tem fundamental importância, pois ajuda no comportamento e na canalização da emoção, podemos controlar, nos orientar e usar o espaço a nosso favor para promover o autocontrole. É a sabedoria por detrás da emoção, ela é estratégica, inteligente e integral.

Além disso, a maioria de nós assume que sabe o que é uma emoção, mas em uma pequena discussão, iremos perceber que na verdade não sabemos.<sup>8</sup> Não queremos assumir que aceitamos sem pensar, e a observação e análise lógico são superados. E ainda, aquilo que dizemos para definir a questão não é só enganador, mas falso.<sup>9</sup> “[...] Temos de aprender como reconhecer nossas emoções, como lidar com elas, como usá-las e isso, é um conjunto de habilidades que a maioria de nós reuniu apenas acidentalmente, sem pensar e de forma inadequada [...]” (Idem, loc. cit.).

[...] sabemos mais ou menos sobre o que estamos fazendo quando falamos a respeito de emoções, [...]. Há em andamento sérios debates sobre se as emoções formam uma classe unificada e se são ‘realmente’ fisiológicas, [...] ou se assemelham-se mais a julgamentos de valor ou tendências comportamentais. No entanto, não é como se não tivéssemos ideia do que estamos examinando aqui. Entretanto, compreender é muito mais do que meramente ser capaz de concordar a respeito de um assunto (Idem, loc. p. 24-25).

---

<sup>7</sup> Cf. Idem, loc. p. 24.

<sup>8</sup> Cf. Idem, loc. cit.

<sup>9</sup> Cf. Idem, loc. cit.

As inquietações filosóficas, sobretudo contemporânea, muitas vezes, acabam por fornecer uma experiência de conhecimento reducionista referentes a questões complexas e exigentes. Os modelos filosóficos sistemáticos, com enorme pretensão, orientam aqueles que buscam pelo saber de forma com que, geralmente, os problemas são resolvidos. As diversas perguntas são colocadas como superadas, e os mais variados assuntos são deixados de lado, como solucionados e obsoletos.

Essa forma de método e sistema de compreensão sobre as emoções é problemática, pois existe a exigência imediata para resolver as questões sobre temas que “parecem” ser simples e reduzidos a experiências de conhecimentos quantitativos.<sup>10</sup> A pretensão da filosofia moldada pelo discurso científico, acaba por cometer erros inimagináveis quando assume uma postura de isolamento e, insulada em perspectivas reducionistas, que visam a delimitação de tudo para uma resolução rápida e eficaz. Essa realidade de nosso tempo, acompanha as transformações sociais, culturais, econômicas, políticas e tecnológicas. É uma necessidade humana saber mais sobre si mesmo e, geralmente, não se leva em conta que os processos deveriam ser integrais e que buscam uma compreensão mais abrangente e menos reducionista daquilo que está sendo determinado. Agora não se trata de exaurir tudo aquilo que pode ser dito sobre as emoções, mas sim, abrir espaço para as discussões.

Em primeiro momento, essa ideia de não parece ruim, mas se analisarmos bem a questão, poderíamos redigir-nos a pergunta: será que não estamos concluindo rápido demais sobre um conhecimento que está aquém de nossas capacidades no momento? Decidir por negar a complexidade, a relatividade e a ontologia da emoção,<sup>11</sup> é assumir uma postura fechada de um conhecimento que exige verificação e compreensão aberta. Não se trata de um assunto qualquer, e na verdade, dificilmente, existem assuntos com pouco ou nenhum significado. Falar e compreender as emoções da forma como propomos, é permitir com que deixamos nos orientar por ela, obviamente, com todo senso de responsabilidade e atribuindo razões determinadas, seja para nossa capacidade reflexiva, seja para nosso comportamento.

Agora, não se trata de compreender a dimensão totalitária das emoções, até porque, no momento isso seria impossível. O que devemos fazer é orientar nosso estudo e compreensão

---

<sup>10</sup> Termo quantitativo utilizado para definir as verificações sobre as emoções reduzidas a experiências de laboratório, científicas. Em outras palavras, modelos cíclicos orientados por padrões matemáticos/científicos. Nota-se aqui, uma das críticas máximas do autor, de que as emoções não devem ser compreendidas por estes instrumentos, mas revela que são importantes para a análise delas. Porém, não são critérios suficientes para definir tal análise. Contudo, as dimensões humanísticas das emoções não devem ser descartadas, como se simplesmente não existissem, mas pelo contrário, devem ser compreendidas como fundamentos primários de tal experiência emocional.

<sup>11</sup> SOLOMON, Robert C. *O prazer da filosofia: entre a razão e a paixão*. Rio de Janeiro: Record, 2011, p. 93.

para uma direção que possa assumir a integridade emocional, ou seja, assumir que somos nossas emoções, pois aquilo que somos, está integralmente comprometido com aquilo que fazemos. Se concordarmos com isso, assumiremos uma postura de responsabilidade e integridade emocional. É um modo de vida que pressupõe autocontrole, nos redimensiona para novas perspectivas e possibilidades. Assumir controle perante aquilo que somos e fazemos, é permitir que a abordagem e a experiência que temos de nossas emoções possam ser verificadas e reavaliadas constantemente.

Constatando isso, podemos imaginar agora que nossa compreensão sobre o que são realmente emoções, foi elevado para outro patamar de estudos e conhecimento. Dizer sobre as certezas de alguma coisa, e neste caso, sobre as emoções, é sempre delimitar a sua compreensão, e neste momento, nosso ponto de referência é muito mais que discutir sobre os predicados ou premissas das questões levantadas, mas de dialogar abertamente sobre as conclusões prematuras de temas que estão em constante movimento e que carecem de uma exigência cada vez maior de verificação.

## **1.2 Resignificando as emoções**

Depois de brevemente termos compreendido o significado e que, por conseguinte, a importância das emoções, podemos atribuir a elas um novo significado. Não se trata de algo novo, mas da forma pela qual nos convém depositar confiança e credibilidade em nossa teoria. Falamos na abordagem geral, em sua centralidade, de que as emoções são parte constitutiva de nossa personalidade e de que elas atribuem razões para nossa existência. Além disso, vimos também que elas estão conectadas com princípios racionais, ou seja, atuam sob processos cognitivos, onde articulam-se com processos mentais e fornecem *insights* e conhecimento do mundo. Com base nestas afirmações, podemos avaliar e permitir que as emoções adquiriram nova importância em nossa vida e, assim como a imensa pesquisa e destaque a razão, podemos agora dar essa mesma atenção para as emoções.

Começando pelo significado do termo “ressignificar”<sup>12</sup> (muito presente na psicologia e psicanálise) é a capacidade que um indivíduo tem de dar novo sentido à alguém ou alguma coisa. O que orienta esse indivíduo a uma nova perspectiva, é a articulação entre seus sentidos e a realidade do qual sua experiência provém. Em outras palavras, a busca pela resignificação é encorajamento do sujeito a mudar sua visão de mundo, tendo como base as transformações

---

<sup>12</sup> Consultado no Dicionário Online de Português, link abaixo:

<https://www.dicio.com.br/ressignificar/#:~:text=verbo%20transitivo%20direto%20Atribuir%20um,%2C%20%2B%20significar%2C%20ter%20significado.>

de sua consciência para um novo modo de vida. O processo de ressignificação é complexo e sobretudo arduo, pois exige alto nível de concentração e avaliação de seu próprio desempenho reflexivo e comportamental. Agora, poderíamos nos perguntar, mas o que isso tem a ver com nossas emoções?

A centralidade de nosso estudo é a busca por uma teoria geral, mas que seja a que mais convém para nosso ideal de pesquisa. E o uso deste termo específico (ressignificar) se dirige para aquilo que queremos sobre o estudo das emoções na filosofia – ressignificá-la. E fazer de tal forma que, tanto a ciência e a filosofia possam estar presentes. Falamos de diálogo aberto entre as mais diversas áreas do saber humano como a psicologia, psicanálise, neurociência, sociologia e, o ponto culminante de nossa tese, descrever essa teoria sobre uma perspectiva puramente filosófica. De que a filosofia por excelência é aquela capaz de relacionar-se e dialogar com o mundo e todas as suas inquietações e buscando por soluções.

Somos seres humanos e temos a necessidade de compreender as outras pessoas e os motivos pelos quais seu comportamento é determinado.<sup>13</sup> “[...] Até mesmo seres não sociais precisam ter alguma noção sobre as más intenções de um predador ou rival [...]” (Idem, loc. p. 193). Compreender as emoções dos outros é requisito fundamental para compreender também as nossas. Articulando a subjetividade inerente a dimensão intersubjetiva da humanidade, é permitir alinhar-se e compreender cada vez melhor e de forma mais significativa as nossas emoções.

Ainda sobre o exemplo dos animais não humanos, podemos pensar que: “[...] Um cachorro olha inquisitivamente e meio desesperado quando é chutado ou pisado de leve, indagando-se ‘porquê?’ e, rapidamente, decidindo se aquilo foi um ato intencional que exige algum tipo de resposta ou um acidente, [...]” (Idem, loc. cit.). Dependendo da “leitura” que o cachorro fez sobre determinada situação, ele poderá atribuir certo comportamento. Se foi intencional provavelmente uma retaliação, seja amistosa ou agressiva; ou se foi acidental, reagindo (geralmente) de forma tranquila e entendendo que a situação está sob controle, pois foi um ato involuntário, acidental. “[...] A necessidade de compreender e prever o comportamento dos outros significa, geralmente, que precisamos entender o que os motiva, o que, por sua vez, geralmente requer que possamos reconhecer e, até certo ponto compreender suas emoções [...]” (Idem, loc. cit.).

Ao refletir, podemos estar errados tanto a *respeito* de nossas emoções quanto na nossa resposta emocional. Entretanto, refletindo, podemos também

---

<sup>13</sup> Cf. Idem, 2015, p. 193.

contrastar nossa emoção com o que pensamos que deveríamos ou preferiríamos estar sentindo e, por meio dessa reflexão, tomar medidas para modificar, ajustar ou alterar nossos estados emocionais ou, quem sabe, decidir que aquilo que realmente sentimos está correto e o que nós pensamos que “deveríamos” sentir está errado (Idem, loc. cit.).

Animais não humanos e bebês nem mesmo possuem a capacidade reflexiva mínima<sup>14</sup> para compreender suas emoções. Já para nós humanos adultos, possuímos a capacidade de racionalizar e justificar nosso comportamento perante nossa experiência emocional. Vale ressaltar que “[...], ter uma emoção é uma coisa (animais e bebês têm). No entanto, reconhecer que temos uma emoção envolve muito mais coisas [...]” (Idem, loc. p. 266). Este reconhecimento é justamente a conexão na perspectiva da linguagem com a experiência no mundo objetivo. Em outras palavras, seres humanos adultos possuem essa capacidade de reconhecer, em determinada situação e de forma gradual, que podem não só explicitar e compreender suas emoções, mas sim, assumindo que eles poderiam ter uma atitude diferente, e que com um simples momento de reflexão e dúvida, poderiam alterar determinado comportamento.

O que queremos dizer é que podemos assumir controle perante nosso comportamento, na medida em que refletimos sobre as emoções que estão contrastando com ele. Podemos, através de um hábito saudável, propor para nós mesmos práticas e métodos que podem nos ajudar a ter uma vida emocional equilibrada, em que nossos impulsos emocionais se tornem cada mais raros, e que cada experiência emocional seja introspectiva e refletida sob nosso autocontrole e responsabilidade. É por meio dessa reflexão sobre nossas próprias emoções que podemos negar ou assumir responsabilidade por elas.<sup>15</sup>

A proposta de levantar uma teoria geral sobre as emoções é atribuir razões pelas quais elas devem ser compreendidas sob novos significados, novas interpretações, em diferentes perspectivas e analisadas de forma adequada. Este caráter de atribuição de sentido serve para a filosofia que busca por maturidade em seu repertório dialético de suposições. E mais uma vez, não se trata de falar que as emoções são puramente fisiológicas, ou que formam uma classe unificada de julgamentos ou tendências comportamentais<sup>16</sup>, mas que estas dimensões devem estar em continuidade, em consonância.

As emoções devem ser compreendidas em suas várias dimensões, e não podem ser reduzidas a experimentos científicos e laboratoriais. O que queremos analisar é a teoria que

---

<sup>14</sup> Cf. Idem, loc. p. 347.

<sup>15</sup> Cf. Idem, loc. p. 199.

<sup>16</sup> Cf. Idem, loc. p. 24-25.

mais seja adequada para retratar o que é uma emoção, e por que temos uma emoção. Mas cabe-nos ressaltar um fundamento importante: o que nos motiva?<sup>17</sup> Porque fazemos algo e não outra coisa? Porque fazemos escolhas determinadas em situações específicas? O que nos orienta para refletir e agir de acordo ou não com os princípios constitutivos de nossa natureza?

Para responder essas e outras tantas perguntas sobre nossas emoções, devemos entender como elas desempenham um papel significativo na aquisição de conhecimento. Além disso, como que as emoções estão diretamente conectadas ao espaço da experiência, e como elas denotam *insights* e determinam comportamentos.

---

<sup>17</sup> Cf. *Idem*, loc. p. 193.

## 2 EMOÇÕES COMO JUÍZOS

As emoções figuram no juízo porque estão permeadas pela racionalidade. Estão submetidas na esfera do conhecimento, e conectadas com nossas capacidades reflexivas. Como já é de nosso conhecimento, a abordagem que se faz sobre as emoções, consiste em afastá-las da dimensão racional e reflexiva, e colocá-la como algo primitivo, animalesco e meramente reativo. Porém, o que defendemos aqui, é que a maioria das emoções são extremamente inteligentes e consonantes com os princípios de nossa racionalidade.

Aquilo que chamamos de cognição, se refere aos estados mentais pelos quais passamos a formular e decidir sobre situações na experiência. Podemos assim entender, que as emoções não estão fora destas situações, e que consistem, em sua estrutura, naquilo que podemos chamar de “julgamentos avaliativos”.<sup>18</sup> Esses julgamentos articulam-se com nossa experiência, desta forma executam por meio da emoção os mecanismos necessários, para que nosso comportamento seja direcionado sob a orientação desta articulação simultânea, entre processos mentais e emocionais. Tais comportamentos direcionados podem ser verificados e justificados na experiência.

### 2.1 Emoções e conhecimento: a experiência como tribunal

Como parte fundamental de nosso estudo, procuraremos relacionar nosso percurso argumentativo com outro pensador, para que ele possa enriquecer ainda mais a nossa teoria.

Para que possamos entender que as emoções são constituídas de conhecimento proposicional e objetivo, ou seja, dotadas de conteúdo conceitual, devemos compreender o que é o processo de justificação na experiência. Para isso, nos apoiaremos nas definições dadas pelo filósofo norte-americano John McDowell (1942), que em seu livro “*Mente e Mundo*”<sup>19</sup> propõe a elevação da experiência para o nível da justificação. Para que a experiência tenha participação no processo do conhecimento, ela deve ter conteúdo conceitual. Precisamos da experiência como tribunal, pois ela estabelece juízos sobre nossas concepções. A experiência tem papel de justificação sobre nossos julgamentos em relação ao mundo, e, por conseguinte, pode estar diretamente conectada com as formas de nosso comportamento.

E é isso que significa, que a experiência deve ser concebida como tribunal. Ela possui um caráter de justificação. Isso só acontece, se a experiência envolver conteúdo conceitual. O juízo é resultado de uma atitude cognitiva, que envolvem processos mentais correlacionados

---

<sup>18</sup> Cf. SOLOMON, 2015, p. 325.

<sup>19</sup> MCDOWELL, John. *Mente e mundo*. São Paulo: Ideias e Letras, 2005.



com a experiência. Dizer que nossos juízos devem satisfações ao mundo, é dizer que somos responsáveis pela nossa experiência. A partir disso reforçamos a nossa tese de que podemos nos responsabilizar, não pelas nossas emoções diretamente, mas pelo nosso julgamento em relação a elas. Segundo Solomon, não controlamos nossas emoções e pensamentos, mas podemos controlar o hábito e o comportamento relacionados a elas. Afirmar isso é galgar passos em direção a integridade emocional, que esta será o elemento final de nosso estudo.

Para que a experiência e as emoções possam ter um fundamento no tribunal da experiência, é preciso ter uma articulação no espaço lógico da razão.<sup>20</sup> O ponto central em McDowell, é entender como se dá o conhecimento na relação entre o espaço lógico da razão e a experiência. Assim como McDowell, António Damásio também rompe com a dicotomia cartesiana, de que a razão não está isolada, sem relação direta com a experiência. Em seu livro “*O erro de Descartes*”,<sup>21</sup> Damásio acentua a concepção de que mente (cérebro) e corpo estão de modo *sui generis* e indissoluvelmente conectadas com a experiência. Além disso, Damásio afirma que não há conhecimento sem tal conexão.

Voltando para McDowell, não podemos isolar a razão em um vazio, dando voltas em si mesma, mas sim, deve haver o atrito, uma coerção do mundo. O que parece lógica a questão: como é possível haver conhecimento sobre o mundo, e de nossa relação com ele, sem o atrito da faculdade racional com ele? E como seria sem que nossas emoções não estivessem relacionadas a isso? Afinal, nossas emoções distorcem ou dão real sentido ao que sentimos? Não podemos isolar os juízos do mundo, e tampouco as emoções que trazem elementos fundamentais do conhecimento. Tudo o que está na experiência pode ser julgado de modo reflexivo, pois já há conceitos que operam de forma passiva na experiência. É preciso ser passiva, pois se não fosse, perderíamos o atrito com o mundo, ou seja, a coerção do mundo sobre nós.

Poderíamos pensar agora, nas emoções que tornam nosso comportamento sintonizado com os acontecimentos trazidos pela experiência. De forma natural e involuntária, os mecanismos neurofisiológicos são ativados caso ocorra a iminência de algo que possa afetar o organismo em determinada situação. Esta afirmação, está totalmente apoiada nas neurociências, especialmente descrita no livro<sup>22</sup> de António Damásio. Porém, em perspectiva filosófica e que traz à tona o papel das emoções no conhecimento em relação a nós e ao mundo, aquilo que poderíamos interpretar julgamos que ocorre pela intervenção das emoções, ou seja, de que as

---

<sup>20</sup> Cf. MCDOWELL, John. 2005, p. 109.

<sup>21</sup> DAMÁSIO, António. *O erro de Descartes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

<sup>22</sup> DAMÁSIO, António. *O Mistério da Consciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

emoções fazem leituras e constituem juízos sobre determinada situação. A atitude consonante e relacional entre razão, emoção e experiência constitui conhecimento seguro e objetivo da realidade. Finalmente, Solomon destaca que somente quando atribuímos sentido e valor a algo, que percebemos o quanto é significativo para nós. E se isso torna-se significativo, se nos orienta e concerne para a construção de uma vida melhor.

## **2.2 Emoções como julgamentos avaliativos:<sup>23</sup> a integridade emocional<sup>24</sup>**

Como conteúdo final de nossa reflexão sobre as emoções, devemos retomar a centralidade de nosso estudo com a seguinte pergunta: como as emoções se enquadram e agem em nossas vidas?<sup>25</sup>

Certamente, no percurso de nossa reflexão, tentamos responder esta e tantas outras perguntas. E dar respostas a perguntas como estas, sugere que o tema no qual nos debruçamos, não somente é significativo, mas desafiador. A busca pelo significado das coisas é um elemento recorrente, não só na filosofia, como também, nas mais diversas áreas do conhecimento humano. Além disso, geralmente, as pessoas passam a vida toda procurando pelo sentido para suas vidas, buscando pelos porquês e para quês de quase tudo que se passa em elas. Nossa tarefa, é amenizar, senão ajudar a resolver grande parte destas questões, afinal, falar sobre emoções é falar de quem somos.

As emoções possuem relação “[...] com nossos talentos e nossas tendências naturais, nossas vidas em sociedade com outras pessoas, nossas personalidades e nosso caráter, nossos percursos e nossas escolhas na vida [...]” (Idem, loc. p. 325-326). Desta forma, acolher e viver nossas emoções de forma consciente e responsável é confirmar nossa identidade de seres humanos, mas que, acima de tudo, é assumir nossa integridade emocional.

Nossa preocupação tem a ver com a significância da emoção e, o que implica abordarmos a noção de inteligência emocional.<sup>26</sup> Falar sobre inteligência emocional é dar razões pelas quais as emoções possuem um papel regulador em nossa experiência e comportamento no mundo. Desde o início de nosso estudo, tentamos deixar claro e evidente a presença deste aspecto, de perceber que as emoções atribuem razões para nossa existência.

Conforme já insisti, eu a entendo de várias maneiras relacionadas, dentre elas as maneiras pelas quais as emoções nos proporcionam *insight* e entendimento,

---

<sup>23</sup> Cf. SOLOMON, 2015, p. 323.

<sup>24</sup> Cf. Idem, loc. p. 321.

<sup>25</sup> Cf. Idem, loc. p. 325.

<sup>26</sup> Cf. Idem, loc. p. 326.

as maneiras pelas quais as emoções dão forma ao nosso mundo, as maneiras que tornam as emoções estratégias por meio das quais manipulamos e administramos nosso mundo e as maneiras pelas quais somos responsáveis por nossas emoções (Idem, loc. p. 326).

Um elemento fundamental para o fechamento de nossa reflexão, é conceito de intencionalidade<sup>27</sup>. Este conceito é a chave para entender o que é a inteligência emocional e como ela opera em nosso comportamento. “[...] O engajamento no mundo requer que se tenha conhecimento sobre o mundo, mesmo que – com frequência – tal conhecimento seja imperfeito, incompleto ou mesmo totalmente equivocado [...]” (Idem, loc. p. 260). Afirmar que as emoções possuem intencionalidade, é assumir que elas são inteligentes ao ponto de direcionar nosso comportamento em relação ao que está ocorrendo na experiência, em outras palavras, as emoções por serem inteligentes e intencionais possuem a capacidade de validação do mundo.

Nossas teorias devem fazer referência ao mundo. Se assim não fosse, o mundo resistiria a elas. É necessário, mesmo que tais teorias sejam bem justificadas, que esteja presente a significância necessária que atribua correspondência ao mundo. O mundo objetivo se apresenta, e não haveria sentido dizer alguma coisa, que não possa passar pelo crivo e validação na experiência no mundo. A resistência que o mundo objetivo oferece, é como um elemento de balizamento de nossas proposições, ou seja, de que nossas evidências devem satisfazer os ideais que correspondem ao mundo.

Avaliar conceitualmente o mundo<sup>28</sup> faz parte da expressividade das emoções. O que estamos dizendo, é reafirmando que as emoções atribuem não só razões, mas respostas convictas ao que estamos vivendo. Embora, tudo isto, para não perder a razoabilidade de nosso estudo, nem tudo as emoções podem estar corretas: “[...] Às vezes a emoção acertava quanto ao mundo, mas era míope ou limitada, ignorando as implicações mais amplas ou a história do incidente em questão [...]” (Idem, loc. p. 261). Muitas vezes, podemos nos equivocar a respeito de nossas emoções, e tanto elas, podem fazer uma leitura incorreta da experiência, porém, levamos em conta que aqui, a presença imutável e indissociável da razão deve ser avaliada como recurso fundamental.

É curioso que no caso de uma avaliação incorreta da emoção, por exemplo “[...], o pai que fica com raiva da criança ou o patrão que demite um empregado por um pequeno e simples contratempo pode estar certo quanto aos fatos, mas não é inteligente na sua raiva [...]” (Idem, loc. p. 262).

---

<sup>27</sup> Cf. Idem, loc. p. 260.

<sup>28</sup> Cf. Idem, loc. p. 261.

Porém, se às vezes as emoções erram e se suas avaliações são injustas ou contrárias à razão, isso quer dizer bem claramente que têm inteligência, porque estar errado pressupõe ser capaz de estar certo. ‘Ser estúpido’ já pressupõe ter alguma inteligência (apenas não suficiente). Inteligência envolve enfrentar fatos e valores supostos, mesmo que sem êxito, e não apenas reagir cegamente ao mundo (Idem, loc. cit.).

É isso que significa afirmar que as emoções são capazes de avaliar, conceituar e ressignificar nossa vida, “[...] dizer que as emoções que as emoções têm inteligência é insistir que envolvem conceitos e conceitualização, valores e avaliação, [...]” (Idem, loc. cit.). O que queremos dizer é que as emoções não devem ser definidas apenas pelo análise conceitual,<sup>29</sup> mas sim, sugerir que as envolvem conceitos e avaliações, e que, a análise conceitual pode estar conectada ao contexto<sup>30</sup> em que estamos inseridos, e isso tudo inclui a cultura, a linguagem e as normas vigentes da respectiva sociedade em que vivemos. As emoções por serem dotadas de inteligência e promoverem estratégias para uma vida saudável, requerem o aprendizado do indivíduo (humano adulto) para que ele possa viver suas emoções de forma integral.

É um conjunto imenso e valioso de habilidades<sup>31</sup> “[...], sem as quais nossas vidas emocionais, e principalmente nossas vidas emocionais em coletividade, seriam muito mais conturbadas do que nem se quer podemos imaginar [...]” (Idem, loc. p. 267). Falamos aqui de um processo de construção, em que determina a posição ativa e subjetivamente aplicada do indivíduo. É dizer que não só temos responsabilidade pelo nosso comportamento por causa das emoções, mas também afirmar que se queremos *ser fiéis às nossas emoções*, devemos buscar pelo sentido, pelo propósito de nossas vidas, e isso tudo envolve processos de avaliação e validação na experiência, pautada em valores e linguagem, e o que nos ajuda a definir se isso ou aquilo vale de alguma coisa ou que deve ser analisado com cautela e discernimento.<sup>32</sup> Sem dúvida, a resposta está na medida em que nos inserimos em uma vida emocional ativa, porém, responsável e inteligente.

---

<sup>29</sup> Cf. Idem, loc. p. 262.

<sup>30</sup> Cf. Idem, loc. p. 263.

<sup>31</sup> Cf. Idem, loc. p. 267.

<sup>32</sup> Assim como nos ensinava Sócrates, de que uma vida mal examinada não vale a pena ser vivida. Da mesma forma assim se dá com as emoções, sendo sentidas, avaliadas e atribuindo valores e juízos à elas, é que poderemos compreender a sua significância em nossa existência.

### 3 CONCLUSÃO

Em conformidade com os objetivos e metas de nosso trabalho, o percurso argumentativo pelo qual nos debruçamos, a partir deste momento podemos adentrar em novos princípios norteadores de nosso pensamento e ação. Aquilo que nos propomos desde o início deste estudo, foi tematizar e dialogar a respeito de um assunto tão contundente na história da filosofia, especialmente neste âmbito histórico-cultural em que estamos vivendo, em que a filosofia contemporânea abre-nos as portas para o campo da pesquisa, criando possibilidades infinitas e desenvolvendo cada vez mais seu pensamento introspectivo e transformador.

Emoções governam nosso comportamento, nos fornecem validação da experiência, justificam nosso comportamento através de seus julgamentos avaliativos (morais, valores), proporcionam embelezamento e atribuição de sentido às nossas experiências, às tornando mais significativas e celebradas. Dizer que podemos ser fiéis às nossas emoções é reafirmar o comprometimento com nossa própria vida, e de que podemos nos responsabilizar por isso. A determinação pela própria identidade, pela busca do próprio eu, imerso na tênue camada subjetiva, que procura sempre relacionar com a intersubjetividade da vida.

Aprendemos muito com este processo, pois não só estudamos sobre o tema e discutimos sobre ele. Ganhamos aquele algo a mais enriquecedor de conhecimento pessoal e acadêmico, em que levamos para a vida toda. Falar e defender a tese de que as emoções são inteligentes, coerentes com a experiência no mundo, nos fornecem *insight* e conhecimento e nos proporcionam engajamentos estratégicos e precisos em nosso comportamento, é reafirmar o compromisso da integralidade das emoções em sua estrutura constitutiva. Temos todo um percurso filosófico para vislumbrar, perceber e galgar passos cada vez maiores, que possam sempre estar em direção a vida e de suas variadas formas de expressão.

## REFERÊNCIAS

- DAMÁSIO, António. *O Mistério da Consciência: Do corpo e das emoções ao conhecimento de si*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- DAMÁSIO, António. *O erro de Descartes: Emoção, razão e o cérebro humano*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- GILBERT, Paul; LENNON, Kathleen. *O mundo, a carne e o sujeito: Temas europeus na filosofia da mente e do corpo*. São Paulo: Loyola, 2009.
- HABERMAS, Jürgen. *Teoria do Agir Comunicativo: Racionalidade da ação e racionalização social*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- JAMES, William. *Variedades da Experiência Religiosa: Um estudo sobre a Natureza Humana*. São Paulo: Cultrix, 2017.
- MCDOWELL, John. *Mente e mundo*. São Paulo: Ideias e Letras, 2005.
- SCRUTON, Roger. *Arte e imaginação: Um estudo em filosofia da mente*. São Paulo: É Realizações, 2017.
- SELLARS, Wilfrid. *Empirismo e filosofia da mente*. São Paulo: Vozes, 2008.
- SOLOMON, Robert C. *Fiéis às nossas emoções: O que elas realmente nos dizem*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- SOLOMON, Robert C. *Paixão pelo saber*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- SOLOMON, Robert C. *O prazer da Filosofia: Entre razão e paixão*. Rio de Janeiro: Record, 2011.